

De Melville a Marini

J. Roberto Whitaker *Penteado*

Pior que a morte é não viver com autenticidade. - Frances Moore Lappé (ambientalista)

Há uns 10 anos, terminava meu estudo sobre a obra infantil de Monteiro Lobato e o apresentava, como tese de doutorado, na UFRJ. Recebi, na ocasião, uma carta apreciativa, assinada por um então desconhecido Humberto Marini Filho. Ficamos logo amigos e descobri que ele era um respeitável estudioso da obra adulta de Lobato, tendo feito sua dissertação de mestrado sobre o tema. Dois anos depois, convidava-me para fazer parte da banca que aprovou sua tese de doutorado sobre a saga de Lobato em busca de uma identidade nacional para o Brasil.

Lamento que essas coisas não tenham sido publicadas em livros. Há uma preguiça crônica dos editores patricios para editar novos títulos que lhes dêem algum trabalho; preferem o trivial variado, desde que já pronto para consumir e com alguma chance de se tornar best-seller... A obra de Marini apenas contribuiria para uma compreensão maior acerca de nós mesmos e do nosso país - coisa que pode esperar, é claro.

Embora apenas um pouco mais velho do que eu, HMF já se havia aposentado e dedicava-se com empenho à leitura de sua considerável biblioteca. Dava preferência ao Século 19, que era onde gostaria de "morar" - como as crianças de antigamente nos livros de Lobato. Um dia propôs que eu lesse *Bartleby, o Escrivão* - uma novela de Herman Melville, mais conhecido como autor de *Moby Dick*, que todos conhecem como filme, mas acho que ninguém leu - pelo menos no Brasil.

O texto de *Bartleby* é tanto inquietante quanto linear: trata-se de um copista, em uma firma de Wall Street, que - um dia - sem mais nem menos, decide que não deseja mais fazer os que os outros lhe pedem. Responde *I would prefer not to* (uma forma de inglês arcaico que desafia os tradutores, pois *Preferiria não e similares não produzem o mesmo efeito*). A simples escolha por dizer *Não* faz com que o copista perca o modesto emprego, se torne um estorvo para a sociedade - que não está preparada para isso - e, de não em não, acabe morrendo de inanição.

Durante um curto - mas expressivo - espaço de tempo, tive a impressão de que só Marini e eu sabíamos sobre *Bartleby*. Depois descobri que Borges e outros já haviam comparado o copista a K. e ao agrimensor de Kafka - surgidos depois. Há mesmo um grupo informal, na internet, que tem seu ápice no inusitado mas indispensável site www.bartleby.com. Experimente.

Pois creio que Marini descobriu, em Melville, uma resposta aos paradoxos de uma época onde os valores materiais, representados principalmente pelo dinheiro e pelo trabalho, adquiriram o status de indispensáveis e a ganância passou a ser considerada como qualidade. Foi através do *Não*. Ou, na forma mais exótica e delicada, expressa na fala do personagem: além do simples ato de negar, a manifestação de uma preferência - a de não fazer, de não co-optar, de não participar. Mesmo que isso possa representar a última e definitiva saída.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. De Melville a Marini. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, set. 2009. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=0&ID=540>. Acesso em: 10 mar. 2010.